opusdei.org

Em nome dos não nascidos

Domtila há 25 anos que anima as suas vizinhas a ter os seus filhos e a evitar o drama do aborto. Explica-lhes, acompanha-as, assessora-as e ajuda-as. A resposta ao seu redor contra o que era uma triste epidemia é muito mais alegria.

18/12/2016

Domtla vive em Nairobi, no Quénia. É casada e tem seis filhos. Dirige o St. Martin Crisis Pregnancy Center e é supranumerária do Opus Dei.

Na realidade, a Domtila é uma salvavidas...

Ela conta que ainda há uns anos atrás era comum ver bebés recémabortados pelos cantos perdidos da cidade. Num canal. Debaixo de uma ponte. «Metidos em bolsas de papel». Bebés mortos, abandonados na rua.

«Estas imagens doíam-me muito. Dava voltas ao problema, mas não era capaz de encontrar uma solução. Sentia que Deus me pedia que falasse em nome dos não nascidos». E aquele sentimento converteu-se numa ação diária, permanente e com êxitos que faz agora 25 anos de vida. Nada melhor dito.

Há duas décadas e meia que a Domtila trabalha diretamente na defesa da vida humana. Sobre o terreno. Com um sorriso. E com as suas próprias mãos. «Damos conselho e apoio emocional a quem deles necessite. Também falámos com alguns médicos que fazem abortos e animámo-los a trabalhar para a vida. Agora muitos deles enviam os seus pacientes para falarem comigo».

Três mulheres agradecidas

Uma dessas pacientes é Damaris. «O médico disse-me que uma senhora queria falar comigo, assim que fui vê-la. Vimos juntas um vídeo sobre o aborto. Doeu-me muito o que via, e perguntei-me: Porque é que devo abortar? Também não devia fugir da minha casa. Com o bebé não podiam pôr-me na rua...».

Damaris, com o seu filho nos braços, conta: «Agrada-me a forma como a Domtila trabalha, porque anima muitas mulheres a não abortar. A partir daquele dia a minha vida foi para a frente a cuidar do meu filho.

Deus abençoou-me dando-me, além disso, um marido. Amo o meu filho Lucas, mais do que à minha própria mãe!».

Maureen pôs-me em contacto com a Domtila pelo telefone. «Liguei-lhe e começámos a falar. Contei-lhe que estava a pensar fazer certas coisas. Deu-me alguns conselhos. Nunca nos tínhamos encontrado, mas disse-me que esperasse, que me diria mais coisas quando nos encontrássemos». E Maureen foi mãe. «Agora ela visitame e ajuda-me. Uma amiga sua dáme uma mão com as compras e anima-me dizendo 'não estás só. Um dia, dentro de algum tempo, verás o teu filho e sentir-te-ás feliz. Se tivesse abortado, como faria?'».

Agnes sentou-se junto da Domtila, e juntas carregaram no *play* de um vídeo sobre o aborto. «Nele explicavam como se realiza. Fiquei... Depois pensei: se tenho o menino ou a menina, como o vou manter? Tenho problemas económicos. A minha amiga disse-me: 'eu ajudo-te, não te preocupes'». Damaris, Maureen e Agnes são três de centenas.

Para Domtila, «cada mulher é um desafio. Cada vez que convenço uma rapariga a dar à luz e vejo depois o seu filho vivo, encho-me de alegria. Não sou eu que faz este trabalho. Penso que Deus é quem atua através de mim. Inspiro-me nos ensinamentos de São Josemaría, que dizia que o trabalho nos leva ao céu sem nos retirar do nosso ambiente. É isso que estou a fazer com o meu trabalho pela vida».

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <u>https://opusdei.org/pt-pt/article/em-nome-dos-nao-nascidos/</u> (19/11/2025)